

CIDADE E ESPAÇO POLÍTICO

Joaquim Guedes¹

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

A Cidade é sua Arquitetura e compreende a organização e o aproveitamento do território para o desenvolvimento sócio-econômico e, portanto, físico-ambiental e político. A epígrafe de G. C. Argan é irretocável. Resume as tramas e correlações visíveis e subjacentes à questão da construção do ambiente humano e sua apropriação pelas pessoas individuais ou coletivas, privadas ou públicas, para atender às sagradas necessidades que emanam da vida cotidiana, a reprodução e sobrevivência da espécie e a invenção da cultura e da história. É infraestrutura e superestrutura materiais de abrigo e apoio operacional à vida social e produtiva, nas condições reais das relações de poder e produção. É condição "sine qua non" da emergência da vida social. A construção-matéria mágicas criam vida. É conveniente escoimá-la do discurso demagógico dos ditadores, como de seus equivalentes auto-intitulados democratas, presos pela renovação dos mandatos, na ânsia do poder, retórica enganosa, estelionato eleitoral, hoje, inevitável.

Descritores: Espaço urbano. Arquitetura. Sociedade. Cultura.

É arquitetura tudo o que concerne à construção; e é com as técnicas de construção que se institui e organiza, em seu ser e seu devir, a entidade social e política que é a cidade. (Giulio Carlo Argan, *A História da Arte como História da Cidade*, 1998)

Ao primeiro olhar, não percebi que em meu tema, “Cidade e Espaço Político”, o “Político” era um mero adjetivo da palavra “Espaço”. Ci-

1 Endereço eletrônico: jmguedes@usp.br

dade pertence ao dia a dia do cidadão comum, infelizmente, distante do “político”, embora seja dele a matéria. Eu me sentiria mais à vontade com “espaço-habitado”, que sugere trabalho, energia, ambiente construído, vida. Algo a ver com competições, conflitos, negociações e, dois termos caros à professora Maria Inês Fernandes, “alianças” e “intermediários”, indicando o papel central que as Ciências da Psicologia Social têm, em sua abrangência, nos processos de construção e apropriação econômica e social dos espaços urbanos, como consagrado no último Prêmio Nobel de Economia de 2003.

A palavra espaço, para nós arquitetos, apresenta dificuldades, por ter sido usada abusivamente no passado, sempre ligada a discursos oportunistas, falsamente socialistas, com os quais os grandes arquitetos negociavam contratos com Mussolini, Stalin e Getúlio, no Brasil, via ministro Capanema e intelectuais do antigo Ministério de Educação e Cultura.

Seus discursos falavam de homens e espaços “organizados”, mas abstratos, vendiam conjuntos habitacionais para trabalhadores irreais em contexto irreal. Quem aqui não viu o filme *Central do Brasil* de Walter Salles Jr.? Pois bem, aquele longo pardieiro curvilíneo, um cortiço em que moram Fernanda Montenegro e Marília Pêra, projeto de Affonso Eduardo Riedy, foi Grande Prêmio Internacional de Arquitetura na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, apresentado como projeto social exemplar. Mas tinha uma falha insólvel: o custo altíssimo e as despesas condominiais impagáveis pelos funcionários do Estado. Era uma retórica perversa de palavras de ordem, com que vendiam suas idéias aos ditadores do tempo, Le Corbusier, Gropius e os brasileiros. Foi em 1953 que um grupo de jovens arquitetos europeus, liderados por Aldo Van Eyck, insurgiu-se, cunhando a frase que ecoa ainda forte: “Chega de discursos sobre responsabilidade social do arquiteto, *place, not space* (i.e., lugar, não espaço)”. E hoje, mais do que nunca, distante do sonho das grandes ideologias e geometrias salvadoras, temos de voltar à raiz “pessoa humana” como primeiro valor, do qual emergirão os demais, ética, liberdade etc, como escreve o grande professor Miguel Reale (Faculdade de Direito - USP), em precioso artigo “A Ecologia e seus Riscos” (Reale, 2001), que analisa o mais recente valor adotado pela sociedade, o meio ambiente. Não podemos deixar de meditar, não sem angústia, sobre o confronto

entre esses valores fundamentais constitutivos das cidades, e as tragédias que abalam o mundo, eterna rapina, repleto de ódio e mortes.

Assimilada esta condição antiga e presente, como fica a cidade, como um arquiteto se sente diante da cidade e seus problemas?

Ao estabelecer com meus alunos uma linha de reflexões intrigantes e sugestivas, costumo dizer que, se a pessoa humana remanesce como o primeiro valor, do qual derivam todos os outros, o segundo valor é a Arquitetura. Gosto de dizer “No princípio era a Arquitetura, que homens habitaram.” A Arquitetura criou o mundo. Além do belo verso de São João, lembro-me do professor Betarello (professor de Língua e Literatura Italiana - USP) que declamava: “no princípio era o Verbo. Quando Deus disse, *fiat lux*, a palavra criou o mundo.” Assim, proponho, para os efeitos deste artigo, uma ordem: em primeiro lugar, a Pessoa Humana, como o professor Miguel Reale.

Em seguida, a Arquitetura, porque é a Arte de Construir estruturas materiais que viabilizam e protegem as atividades e necessidades das pessoas e, ao fazê-lo, inventa linguagens e significados novos, próprios de cada momento e lugar.

Em terceiro, por ordem, a Sociedade e seu séqüito de valores derivados e, em quarto, a Cidade e a sua Política, que é a ciência do governo das pessoas.

Esse esforço conceitual acadêmico tem por objetivo estabelecer uma antinomia com o terrível formalismo que imperava no modernismo brasileiro, que construía ruínas precoces, de alto custo e, praticamente, inservíveis, inúteis, ou muito incômodas, inadequadas e que terminavam abandonadas pelos seus destinatários originais, como comentava no caso do Conjunto Residencial de Pedregulho.

Queria operar com conceitos que integrassem a idéia de necessidade, palavra sagrada, origem do mundo, desconsiderada na arquitetura de prestígio e autonomia da forma, praticada, hegemonicamente, no Brasil, desde os anos quarenta, até hoje. Esse “formalismo” açambarcava contratos e mídia e era ícone - desejo dos jovens arquitetos e continua sendo. Nos meus quarenta e dois anos de magistério foi sempre uma batalha fazer com que os alunos compreendessem que a procura da forma implicava resposta ao conjunto de

necessidades das pessoas, à sua construtibilidade e praticidade, num lugar concreto escolhido por elas, com suas razões e recursos, num determinado momento e que só assim seria possível pensar em verdadeira Arquitetura, para hoje. Cito Silke Kapp (2003), lembrando Mies van der Rohe, exemplar e conseqüente arquiteto-construtor, racionalista-emocional da Bauhaus, em 1927: “Forma como meta sempre desemboca em formalismo (...) Forma de verdade pressupõe vida de verdade, mas não vida passada, nem vida imaginada.”

Ando à procura de entender e transmitir a Arquitetura e o Planejamento da Cidade, como organização rigorosa, elegante e exigente da matéria, na urgência de abrigar atividades e necessidades sociais, com economia de gestos e meios, que não são elegância mundana, mas disciplina superior, ética.

A arquitetura leva à cidade, *polis*, que é muitos, muita gente que aspira liberdade e independência para seus projetos, dona de seu nariz. São pessoas singulares, de natureza social, em constante e inesperada mutação, como ficou claro na fragilização política a que ficou exposta a classe operária, nas últimas décadas.

Pessoas individuais ou coletivas, públicas ou privadas e seus projetos legítimos em conflito permanente por novas configurações sociais, exigindo e conciliando para sobreviver ou, simplesmente, trabalhar, comer, reproduzir e educar, com o pensamento treinado em batalhas violentas, onde o amor assoma como alimento e força.

São tão fundamentais os papéis da construção e da matéria na criação dos abrigos humanos que chego a chamá-las de mágicas, a matéria é mágica, porque permite a eclosão de vida social, ela cria vida. Responsável pela organização e transformação do espaço em lugares sociais, ela nos ensina a construir com inteligência e rigor.

Penso ser possível dizer que a razão inere ao universo, em seu caminho sem fim. Não há por que confiná-la ao mundo animal. Insetos, bactérias, plantas, água e rocha agem e interagem e se transformam animados por suas propriedades fundamentais que são a contradição e o movimento. Já o planejar é próprio dos seres humanos, como ensina Ortega y Gasset.

Cidade e Espaço Político

Essas relações de continuidade e conseqüências são extraordinariamente expostas na frase de Giulio Carlo Argan, em epígrafe. Com sua autoridade intelectual, moral e política ela resume com profundidade, nas linhas e entrelinhas, como trabalham materiais, técnicas de construção e arquitetura, na azáfama de instituir a sociedade e a cidade. Duas vezes prefeito eleito de Roma nos anos 80, ele foi um dos mais importantes professores de História da Arte e da Cultura na segunda metade do século XX.

“Tudo não passa de um tecido de mentiras...” (Bergmann, 1980).

No entanto, crimes verdadeiramente hediondos cometidos pelo consórcio das máfias - legais e ilegais - são escondidos pelas instituições, das crianças e das classes médias moralistas, a unhas e dentes, em nome da governabilidade, sobretudo, em vésperas de eleições.

No meio destes magnos conflitos reais, a Arquitetura real vai produzindo Cidades para atender atividades e necessidades das pessoas, cruamente expressas na face das aglomerações, maquiadas nas áreas centrais e na pobreza espalhada, sobrevivente e triunfante nas periferias urbanas do Brasil.

O processo de aperfeiçoamento da sociedade, das instituições sociais e das cidades como o lugar das pessoas exige inteligência, tenacidade e paciência. Trabalho social. A boa lei não é dada pelos deuses nem pelos príncipes. Ela emana, inexoravelmente, dos conflitos e contradições internos inerentes à sociedade, conforme ensina o Sábio florentino Niccolò Machiavelli, desde o século XV e ilumina a nossa esperança ao final destas considerações.

Guedes, J. (2003). City and politic space. *Psicologia USP*, 14(3), 73-78.

Abstract: The city is its architecture and it comprehends the organization and utilization of the territory for social-economic and therefore physical-environmental and political development. G. C. Argan's epigraph is impeccable. It sums up the implicit and visible webs and correlations on the topic of the construction of the human environment and its appropriation by individuals and communities, privately and publicly, to comply with the sacred needs which emanate from daily life, the reproduction and survival of the

Joaquim Guedes

species and the invention of culture and history. Those relate to the material infra and superstructure of shelter and operational support to the social and productive life, within the actual conditions of the relations of power and production. That is a *sine qua non* condition for the emergence of social life. The matter-construction's magics come to life. It is convenient to purge it from the dictators' demagogic discourse, as well as the so-called democrats, pressed by their mandate's renewal, in their urge for power, delusive rhetoric, electoral fraud, all of them unavoidable these days.

Index terms: Urban space. Architecture. Society. Culture.

Guedes, J. (2003). Cité et espace politique. *Psicologia USP*, 14(3), 73-78.

Résumé: La cité, c'est son architecture qui comprend l'organisation et l'utilisation du territoire pour le développement socio-économique et donc, physico-ambiantal et politique. L'épigraphe de G. C. Argan est impeccable. Elle résume les trames et les corrélations visibles et sous-jacentes à la question de la construction de l'ambiance humaine et son appropriation par les individus ou les collectivités, privées ou publiques, pour répondre aux nécessités sacrées qui émanent de la vie quotidienne, la reproduction et la survivance de l'espèce et l'invention de la culture et de l'histoire. L'infrastructure et la superstructure sont des matériaux d'abri et d'appui opérationnel à la vie sociale et productive dans les conditions réelles des relations de pouvoir et de production. C'est la condition « sine qua non » de l'émergence de la vie sociale. Les magies de la construction-matière créent de la vie. Il convient de la purger du discours démagogique des dictateurs, comme de leurs équivalents

Mots clés: Espace Urbain. Architecture. Société. Culture.

Referências

- Argan, G. C. (1998). *A história da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.
Reale, M. (2001, 23 de junho). A ecologia e seus riscos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo.

*Recebido em 15.03.2004
Aceito em 20.04.2004*